

Educação:

DIÁLOGOS
CONVERGENTES
E ARTICULAÇÃO
INTERDISCIPLINAR


Atena
Editora
Ano 2021

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Jacinta Lúcia Rizzi Marcom
(Organizadoras)

TERRA
INDÍGENA

CADÊ PINDORAMA?
ROUBARAM SEU CHÃO,
EXPULSARAM OS PARENTES, FALTA O PÃO,
RASGARAM A TERRA, QUEIMARAM A MATA,
DO INVASOR A LEI DA CHIBATA,
O AMARELO FOI EMBORA,
LEVADO EM NAVIOS,
DA MADEIRA BRASEADA
FICOU SÓ O BRASIL,
O VERMELHO É DE
SANGUE,
DO CORPO
QUE MANCHA
O MANGUE

2



Educação:

DIÁLOGOS
CONVERGENTES
E ARTICULAÇÃO
INTERDISCIPLINAR

Atena
Editora
Ano 2021

*Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Jacinta Lúcia Rizzi Marcom
(Organizadoras)*

TERRA
INDÍGENA

CADÊ PINDORAMA?

ROUBARAM SEU CHÃO,

EXPULSARAM OS PARENTES, FALTA O PÃO,
RASGARAM A TERRA, QUEIMARAM A MATA,

DO INVASOR A LEI DA CHIBATA,

O AMARELO FOI EMBORA,

LEVADO EM NAVIOS,

DA MADEIRA BRASEADA

FICOU SÓ O BRASIL,

O VERMELHO É DE

SANGUE,

DO CORPO

QUE MANCHA

O MANGUE

2



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Educação: diálogos convergentes e articulação interdisciplinar 2

Diagramação: Maria Alice Pinheiro
Correção: Bruno Oliveira
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizadoras: Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Jacinta Lúcia Rizzi Marcom

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E24 Educação: diálogos convergentes e articulação interdisciplinar 2 / Organizadoras Adriana Regina Vettorazzi Schmitt, Jacinta Lúcia Rizzi Marcom. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-502-7

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.027212209>

1. Educação. I. Schmitt, Adriana Regina Vettorazzi (Organizadora). II. Marcom, Jacinta Lúcia Rizzi (Organizadora). III. Título.

CDD 370

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

A coletânea de textos *Questões sociais e Educação: Diálogos Convergentes e Articulação Interdisciplinar*, reúne artigos que são resultados de pesquisas empíricas, revisão de literatura, relatos de experiências e ensaios teóricos. São trabalhos carregados de histórias, cultura, lutas hegemônicas, saberes populares, reflexos das vivências e experiências, e da práxis de homens e mulheres em ação frente às demandas da contemporaneidade. Cada texto, com sua originalidade e especificidade, representa as pessoas do Brasil de norte a sul, que compreendem que a Educação é uma ferramenta poderosa de emancipação para todos(as), em especial para mulheres em vulnerabilidade social, o registro dessas vozes femininas estão no (Cap. I).

Infelizmente muitas mulheres ainda são vítimas da colonialidade, da crueldade, da violência e do machismo. Por isso, compartilhe com as mulheres e as meninas de sua vida os conhecimentos disponíveis em: “É Necessário dar voz às vítimas de Femicídio” (Cap. I) e “Femicídio: uma trajetória de violência (Cap. II).

A luta das mulheres pelo direito à igualdade de condições com os homens é antiga, emergente e atual, veja “Percurso da feminilidade” no (Cap. III).

É sabido que as mulheres negras estão expostas à múltiplas violências, além de gênero: a violência de raça marcada pela discriminação, resultado do neocolonialismo brasileiro. Frente a isso, vale registrar a história da “Escarlatação de Mulheres Negras no Brasil” (Cap. IV) como símbolo de resistência.

Ainda sob este enfoque, para enriquecer esta obra, destacamos “O movimento negro brasileiro” (Cap. V).

Através do filme “JENNIFER” (Cap. VI) e suas narrativas, conheça “A construção da branquitude na sociedade da aprendizagem” e sua relação com o artigo sobre os “Estereótipos de Beleza Pura” no (Cap. VII).

Vivemos tempos difíceis, de destruição das florestas e das culturas antropológicas e sociais indígenas. O artigo sobre a etnografia de estudantes indígenas sob o olhar da pedagogia mostra que é preciso aprender a cultura para preservar, “A Etnografia e os aspectos da escolarização de alunos indígenas em escolas urbanas de Imperatriz” (Cap. VIII).

O (Cap. IX) destaca o ensino da educação de gênero no ensino básico, para a construção de uma sociedade combativa frente à violência de gênero e à discriminação de mulheres em Garanhuns, cidade do agreste pernambucano.

É possível Construir uma Sociedade Justa Baseada no Conhecimento? Veja o que diz a literatura “Sobre o desafio de construir uma sociedade justa baseada no conhecimento” (Cap. X).

Sobre essa e outras dúvidas, as contribuições sobre a Ética e os Direitos Humanos com algumas ideias de Paulo Freire (Cap. XI) contribuem para uma nova ressignificação

de pensamentos e atitudes.

As cotas na educação são um meio de equidade e justiça social através de políticas públicas, conforme os apontamentos sobre a “Avaliação de cotistas e não cotistas” no (Cap. XII).

O (Cap. XIII) “Educação em saúde no timor leste” aborda o ensino e aprendizagem através de novas metodologias ativas que buscam fomentar o protagonismo dos sujeitos para atuar na Educação em Saúde, a partir do uso da Metodologia da Problematização no Timor Leste.

Voltando ao Brasil, apresenta-se o estudo “A aventura de criação das mídias educativas da reflexão à prática dos princípios da economia solidária” (Cap. XIV).

No (Cap. XV) apresenta-se um estudo avaliativo sobre o papel do Poder Legislativo de Minas Gerais no cumprimento dos deveres quanto à aplicação das políticas públicas de educação.

Representações espaciais de Brasília na literatura (Cap. XVI) faz uma viagem interessante na cultura e espaço da capital brasileira, pontuando as desigualdades sociais.

E por fim, nada mais pertinente nos dias atuais do que conhecermos sobre o ambiente e a saúde do planeta, e as Influências Humanas na emissão de gases de efeito estufa (Cap. XVII), os autores acreditam que “os desafios ambientais vivenciados na atualidade ainda podem ser contornados” (p. 10).

Tomadas dessa mesma esperança, em tempos de cuidado e preservação da saúde e da natureza, em tempos de promoção da paz, da igualdade e justiça social no mundo, que se inicia em cada um de nós.

Desejamos uma agradável leitura!

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt

Jacinta Lúcia Rizzi Marcom

SUMÁRIO

II. QUESTÕES SOCIAIS E EDUCAÇÃO DIÁLOGOS CONVERGENTES E ARTICULAÇÃO INTERDISCIPLINAR

CAPÍTULO 1..... 1

É NECESSÁRIO DAR VOZ ÀS VÍTIMAS DE FEMINICÍDIO: OUTROS CASOS, OUTROS LUGARES

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt

Jacinta Lúcia Rizzi Marcom

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0272122091>

CAPÍTULO 2..... 6

FEMINICÍDIO: UMA TRAJETÓRIA DE VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Eliane Viana

Rômulo Tiago da Silva

Shirlei Alexandra Fetter

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0272122092>

CAPÍTULO 3..... 15

PERCURSOS DA FEMINILIDADE: IDENTIDADES FEMININAS E PRÁTICAS PROFISSIONAIS DE PROFESSORAS DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Raquel Lima Besnosik

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0272122093>

CAPÍTULO 4..... 26

ESCOLARIZAÇÃO DE MULHERES NEGRAS NO BRASIL E O ESQUECIMENTO DE SUAS TRAJETÓRIAS

Ana Paula Copetti Bohrer

Lediane Pereira Ramos

Virgínia Fernandes Franz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0272122094>

CAPÍTULO 5..... 38

O MOVIMENTO NEGRO BRASILEIRO COMO ATOR POLÍTICO-EDUCACIONAL: UM OLHAR PARA A LEI Nº 10.639/2003

Fausto Ricardo Silva Sousa

Herli de Sousa Carvalho

Salvador Tavares de Moura

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0272122095>

CAPÍTULO 6..... 49

A CONSTRUÇÃO DA BRANQUITUDE NA SOCIEDADE DA APRENDIZAGEM: UMA LEITURA DA NARRATIVA FÍLMICA “JENNIFER”

Joice Mari Ferreira da Cruz

Maria Angélica Zubaran

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.0272122096>

CAPÍTULO 7	59
“BELEZA PURA”: DESENROLANDO OS ESTEREÓTIPOS PARA UMA AUTENTICIDADE CRESPA	
Adelma Silva Costa Luiz Felipe Santos Perret Serpa	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0272122097	
CAPÍTULO 8	69
A ETNOGRAFIA E OS ASPECTOS DA ESCOLARIZAÇÃO DE ALUNOS INDÍGENAS EM ESCOLAS URBANAS DE IMPERATRIZ	
Adriano da Silva Borges Lucas Lucena Oliveira Witembergue Gomes Zapparoli	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0272122098	
CAPÍTULO 9	83
ENSINO BÁSICO, ESPAÇO DEMOCRÁTICO DE DEBATE E INFORMAÇÃO PARA CRIAÇÃO DE ALTERNATIVAS CONTRA A VIOLÊNCIA E DISCRIMINAÇÃO DAS MULHERES EM GARANHUNS	
Débora Almeida Alves	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.0272122099	
CAPÍTULO 10	93
ESTUDO SOBRE O DESAFIO DE CONSTRUIR UMA SOCIEDADE JUSTA BASEADA NO CONHECIMENTO	
Alvani Bomfim de Sousa Junior Marcela Santos de Almeida Sidney Barreto Batista	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.02721220910	
CAPÍTULO 11	102
ÉTICA E DIREITOS HUMANOS: APROXIMAÇÕES COM ALGUMAS IDEIAS DE PAULO FREIRE	
Maria Sandra Montenegro Silva Leão Isabele Louise Monteiro de Farias	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.02721220911	
CAPÍTULO 12	112
AVALIAÇÃO DE COTISTAS E NÃO COTISTAS: UMA ANÁLISE DO DESEMPENHO ACADÊMICO E DA EVASÃO EM UM CURSO DE GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO	
Amália Borges Dario Rogério da Silva Nunes	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.02721220912	

CAPÍTULO 13.....	127
EDUCAÇÃO EM SAÚDE NO TIMOR LESTE: UTILIZANDO A METODOLOGIA DA PROBLEMATIZAÇÃO PARA PENSAR A REALIDADE LOCAL	
Patricia Maria Forte Rauli	
Mario Antônio Sanches	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.02721220913	
CAPÍTULO 14.....	135
A AVENTURA DE CRIAÇÃO DAS MÍDIAS EDUCATIVAS ‘DA REFLEXÃO À PRÁTICA DOS PRINCÍPIOS DA ECONOMIA SOLIDÁRIA’	
Tatiana Losano de Abreu	
Alysson André Régis Oliveira	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.02721220914	
CAPÍTULO 15.....	154
DIREITO À EDUCAÇÃO EM MINAS GERAIS: UM PANORAMA ESTATÍSTICO E LEGISLATIVO	
André Dell’Isola Denardi	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.02721220915	
CAPÍTULO 16.....	162
REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS DE BRASÍLIA NA LITERATURA	
Juliano Rosa Gonçalves	
Marília Luiza Peluso	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.02721220916	
CAPÍTULO 17.....	182
MUDANÇAS CLIMÁTICAS E INFLUÊNCIAS HUMANAS NA EMISSÃO DE GASES DE EFEITO ESTUFA	
Terezinha Ribeiro Reis	
Cristina Maria Costa do Nascimento	
Raiane da Silva Rabelo	
Adriana Maria Pimentel do Nascimento	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.02721220917	
SOBRE AS ORGANIZADORAS.....	191
ÍNDICE REMISSIVO.....	192

REPRESENTAÇÕES ESPACIAIS DE BRASÍLIA NA LITERATURA

Data de aceite: 02/09/2021

Juliano Rosa Gonçalves

Universidade de Brasília

Márcia Luiza Peluso

Universidade de Brasília

RESUMO: O presente artigo pretende investigar as representações espaciais de Brasília na literatura. Para tanto, recorrerá a duas antologias de contos: “Contistas de Brasília” (1965) e “Todas as gerações: o conto brasiliense contemporâneo” (2006). Considerará, sobretudo, o estado da arte dos estudos produzidos pelo encontro da Geografia e Literatura, bem como considerações iniciais sobre uma literatura brasiliense.

PALAVRAS - CHAVE: Literatura Brasiliense. Contos. Representação Espacial.

SPATIAL REPRESENTATIONS OF BRASÍLIA IN LITERATURE

ABSTRACT: This article intends to investigate the spatial representations of Brasília in the literature. To do so, he will use two short story anthologies: “Contistas de Brasília” (1965) and “All generations: the contemporary brasiliense tale” (2006). It will consider, above all, the state of the art of the studies produced by the Geography and Literature meeting, as well as initial considerations about a Brasiliense literature.

KEYWORDS: Brasiliense Literature. Short Stories. Spatial Representation.

1 | INTRODUÇÃO

A tradição literária de Brasília é muito recente, quando comparada à produção literária de outras regiões brasileiras. Uma cidade nova, com projeto arquitetônico arrojado, que ousava apontar para uma proposta de um novo Brasil. Hoje com mais de dois milhões de habitantes, não há dúvidas da existência do brasiliense. Entretanto, em que consiste sua identidade? Destino de fluxo intenso de migrantes de todo Brasil, a Capital Federal carrega em si partes do país, materializando-se em um complexo mosaico da cultura nacional. Como, nesse sentido, foi e está sendo forjada a identidade espacial da cidade?

Pensando nisso, pretende-se responder a essa questão tendo como material de análise as representações espaciais sobre Brasília veiculadas na literatura. Como recorte, serão analisadas duas coletâneas de contos: “Contistas de Brasília” (1965), organizada por Almeida Fischer, e “Todas as gerações: o conto brasiliense contemporâneo” (2006), compilada por Ronaldo Cagiano.

A averiguação da produção literária nas duas antologias de contos possibilitará, por hipótese, apurar as representações espaciais de Brasília em dois momentos distintos, separados por mais de quatro décadas. Para esse trabalho, serão selecionados apenas contos que tenham em Brasília o desenlace de

suas tramas. Pretende-se, assim, verificar a Brasília inscrita nas letras, na medida em que se expresse, na literatura, a representação espacial da cidade.

Nesse sentido, Brasília evoca, na imagem dos brasileiros, toda a problemática de ser o centro político decisório do país. Se, por um lado, fica a impressão externa de que a imagem da capital do país é arranhada pela má reputação dos congressistas e políticos de uma forma geral, a representação espacial da cidade por seus habitantes se multiplica em outras dimensões do viver urbano. A política, embora transpire em Brasília, é apenas uma das dimensões urbanas atuantes na representação que os brasilienses fazem de sua cidade. No geral, é um aspecto secundarizado pelo brasiliense que se olha por dentro.

Tais representações têm cindido a identidade do brasiliense desde os primeiros anos da nova capital. Os trabalhadores da construção da cidade, todos migrantes, se dividiam em duas categorias: pioneiros e candangos (HOLSTON, 2010). Aos primeiros, correspondiam todos os funcionários públicos, comerciantes, agricultores, engenheiros e demais ocupações especializadas, especialmente aquelas com posição de mando, que se dirigiam para o planalto central. Aos segundos, a massa de trabalhadores da construção civil e demais migrantes, de baixa qualificação e vindos de áreas rurais interioranas ou das periferias pobres de diferentes cidades brasileiras. Em evidência, estava o fato de que “enquanto ‘pioneiro’ era usado como um termo honorífico, ‘candango’ era depreciativo, quase insultuoso” (HOLSTON, 2010, p. 209).

Tal cisão não passou despercebida à literatura. Nos primórdios da escrita literária do novo urbano, cronistas como Clemente Luz (*Invenção da cidade*, publicado em 1968, com crônicas escritas desde dez anos antes) e José Marques da Silva (*Diário de um Candango*, escrito em 1961) apresentavam outras perspectivas do espaço brasiliense para além dos discursos oficiais. A literatura, dessa forma, enriquece a análise geográfica, uma vez que, concomitantemente,

é formada e transforma o chão social, cultural, histórico e geográfico sobre o qual nasceu, e que lhe conforma organicidade e sentido. É formada, pois incorpora problemas de seu tempo e de seu espaço; transforma, pois cria e cimenta identidades locais, regionais e nacionais, impondo-se como representação coletiva que funda práticas e vínculos culturais e sociais. (ARAUJO, 2003, p. 2).

Recorrer à literatura possibilita, portanto, a leitura das representações espaciais construídas sobre Brasília. Concorre, para esse feito, a associação entre os estudos geográficos e a literatura, sobre o qual seguirá um breve estado da arte. Em seguida, procura-se delimitar o que se entende por literatura brasiliense, para, por fim, identificar o trato espacial nas duas antologias de contos citadas.

2 | GEOGRAFIA E LITERATURA: ESTADO DA ARTE

A interface com a literatura tem sido constante na história do pensamento geográfico. É interessante, nesse momento introdutório, fazer referência a dois importantes levantamentos já realizados a título de estado da arte (HOLZER, 1993, e MARANDOLA, 2006). O primeiro deles aponta para a relevância que a Geografia Humanística deu a literatura. Holzer (1993), ao avaliar a contribuição dessa tendência da geografia, faz nada menos que vinte e uma citações, todas em língua inglesa, de teóricos ligados a essa corrente que se lançaram na literatura para investigar temas geográficos. Assim, assegura o autor que a literatura municia a análise de pistas a respeito de como grupos humanos, “no passado e em outras culturas, percebem a realidade resolvendo um problema fundamental do cientista social, que é o de combinar aspectos subjetivos com aspectos objetivos (HOLZER, 1993, p. 131).

Marandola (2006), mais de dez anos depois de Holtzer, fez um minucioso levantamento do estado da arte a respeito da interface geografia/literatura para além das fronteiras da geografia humanista – embora, certamente, nessa corrente ainda prevaleça a maior parte dos trabalhos. Resumidamente, a autora apresenta tentativas pioneiras de estabelecer a interface: os alertas de Segismundo (1949) e Monbeig (1940) sobre a importância da aproximação entre a Geografia e a Literatura; a influência de Pocock (1988) e Tuan (1983) para, respectivamente, Carlos Augusto de Figueiredo Monteiro (2002) e diversas pesquisas orientadas por Lívia de Oliveira, entre as quais se podem citar Lima (1990) sobre Guimarães Rosa e Wanderley (1997) sobre Ariano Suassuna. Digno de nota também foi o trabalho editorial recente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) ao publicar o Atlas das Representações Literárias de Regiões Brasileiras, programado para quatro volumes e tendo seu primeiro publicado em 2006.

Saindo dos domínios da geografia e penetrando na área da crítica literária brasileira, um marco importante ocorreu na década de 70, quando Osman Lins publicou “Lima Barreto e o Espaço Romanesco” (1976). Posteriormente, o espaço literário recebeu a atenção de diversos pesquisadores nas searas da crítica literária, como Dimas (1994) e Borges Filho (2007). No cenário internacional, a eclosão do estruturalismo nos anos 1960 permitiu um especial destaque ao “espaço literário”, interpretado de forma bem diferente do viés marxista e fenomenológico, ao considerá-lo autônomo em relação ao espaço geográfico, com regras e textualidades próprias. É nesse contexto, também, que se fortalece a idéia de “morte do autor”, conforme enunciado por Barthes, no sentido de que o autor desaparece uma vez que a escrita “é esse neutro, esse compósito, esse oblíquo para onde foge o nosso sujeito, o preto-e-branco aonde vem perder-se toda a identidade, a começar precisamente pela do corpo que escreve” (BARTHES, 1984, p. 49).

Mais recentemente, o interesse na relação entre geografia e literatura reuniu investigações que interpretam espacialmente obras literárias de diversos autores

brasileiros. Wanderley e Menezes (1997), além de Ariano Suassuna; também Euclides da Cunha e Guimarães Rosa; Niemeyer (1995), sobre Graciliano Ramos; Araújo (2007), sobre Jorge Amado; Barcellos (2006), sobre Machado de Assis; Pinheiro Neto (2011) e Marandola (2007), sobre João Cabral de Melo Neto; Olanda e Almeida (2007), sobre Osman Lins; Seeman (2007), sobre Patativa do Assaré; Suzuki (2005), sobre Paulo Leminski, entre tantos outros, ilustram o feliz depoimento de Collot (2012, p. 19), ao indicar que

os geógrafos encontram na literatura a melhor expressão da relação concreta, afetiva e simbólica a unir o homem aos lugares, e os escritores se mostram, do seu lado, cada vez mais atentos ao espaço em que se desenvolve a escrita.

Assim, o presente trabalho se inscreve na perspectiva da literatura enquanto importante representação da realidade do ponto de vista da ciência geográfica. Recupera, assim, o sentido pioneiro dado pela leitura culturalista da geografia, ao procurar na literatura “intenções, subjetividade, identidade, enraizamento, experiência concreta” (BROSSEAU, 1996, p. 29), mas sem perder de vista que “há uma imbricação entre real e imaginário, entre objetivo e subjetivo, que fornece suporte para o entendimento do discurso literário como forma de representação do espaço real” (BASTOS, 1998, p. 11).

A conjugação entre o que é objetivo e o que é subjetivo permite, nessa confluência entre geografia e literatura, colocar em pauta tanto a materialidade socioespacial como, por outro lado, perceber como se estabelece os impactos impressos na subjetividade dos sujeitos. Por essa razão, Lopes e Chaveiro (2011, p. 27) acertam ao identificar que “o narrador compõe as narrativas ao mesmo tempo em que é composto por elas”, qualificando, de uma vez só, a literatura como “voz e escuta do mundo” (SOUSA, 2008, p. 10). É assim, pois, que a literatura fornece elementos para a decodificação da realidade, uma vez que “pesquisar sobre o espaço nos textos literários permite encontrá-lo em toda parte e em todas as formas: incluso, descrito, projetado, sonhado e especulado”¹ (LEFEBVRE, 1991, p. 15). A literatura brasileira, portanto, não haveria de fugir desse contexto.

3 | A LITERATURA BRASILIENSE

A conceituação de uma “literatura brasileira” é, ainda, polêmica, passados os cinquenta anos de fundação da cidade. A insegurança conceitual permite dúvidas, por exemplo, a respeito de quem deveria ser incluído: o escritor que nasceu em Brasília? O escritor que retrata Brasília em sua obra? O escritor que vive em Brasília? Tais dúvidas, entretanto, parecem serem creditadas a pouca quantidade e, também, pequena visibilidade da produção literária realizada na capital. Para Pilati (2010), é possível se referir a uma “literatura brasileira”, mas não com o mesmo *corpus* de uma literatura gaúcha, ou qualquer outra literatura regionalista. Não há um padrão estilístico que agrupe as tendências da

¹ “That any search for space in literary texts will find it everywhere and in every guise: enclosed, described, projected, dreamt of, speculated about” .

literatura em Brasília. À moda da rica diversidade de origem dos habitantes de Brasília, sorve a literatura do mais absoluto cosmopolitismo da cidade que, depois de tantos anos, ainda é uma síntese do Brasil.

Na Bienal Brasil do Livro, realizada em Brasília em 2012, três importantes autores da literatura brasiliense foram instados a debatê-la: José Rezende Jr, João Almino e Lourenço Cazarré². Além de todos serem laureados em importantes concursos literários nacionais e possuírem obras publicadas por grandes editoras, outra coincidência os une: são estrangeiros em Brasília (mineiro, potiguar e gaúcho, respectivamente). À pergunta colocada, sobre a literatura brasiliense, três encaminhamentos aparecem e, se não são opostos, também não são convergentes. Para Rezende Jr, a literatura produzida em Brasília não possui identidade local em sentido estrito, conectando-se com diferentes literaturas realizadas em outras partes do Brasil; a identidade de Brasília seria, portanto, uma identidade síntese do Brasil, por isso foge da literatura regional, visto que as literaturas regionais são fragmentos do todo brasileiro que aparece na literatura da capital federal.

O posicionamento de João Almino esclarece como funciona, em algumas circunstâncias, a opção pelo espaço brasiliense como fuga da literatura regional: “Quando cheguei, não sabia onde situaria minhas histórias, na minha cidade natal (Mossoró-RN) ou em Brasília. Mas optei por Brasília, porque não queria cair na literatura regional, nas narrativas que têm o nordeste como paisagem”. Rezende Jr e Almino se completam, portanto, na perspectiva de assumir, em Brasília, uma literatura para além dos regionalismos e instaurando, em seu DNA literário, o caráter ‘transregional’ que acompanha a ideia de Brasília como síntese do Brasil. Por fim, Cazarré aposta na literatura brasiliense como um fato indiscutível. Sugere ainda que a literatura brasiliense alcançaria fortuna crítica suficientemente para ser estudada e “estabelecidos os cânones da literatura brasiliense”.

Tentativas de estabelecer critérios para definir uma literatura brasiliense já apareciam no início dos anos 1980, quando J. R. de Almeida Pinto defendeu sua dissertação de mestrado em literatura na UnB, convertida em livro, publicado em 2002, vinte anos depois (PINTO, 2002). A procura por um cânone também foi objeto da pesquisa de Carvalho (2010), na qual há um esforço para apresentar uma proposta de decodificação da literatura brasiliense. Ali mesmo, a indefinição sobre “literatura brasiliense” ou “literatura em Brasília” se repete. Em entrevistas com escritores brasilienses, a autora identifica desde quem manifesta dúvida a respeito da existência de uma literatura brasiliense, como Ronaldo Mousinho³ e Luis Turiba⁴, a quem defende sua consistente presença, como Alexandre

2 José Rezende Jr. é autor de “A mulher gorila e outros demônios”, obra bem recebida pela crítica e prefaciada por Moacyr Scliar. João Almino publicou cinco obras de ficção, e em todas elas Brasília é o espaço privilegiado da trama. Lourenço Cazarré publicou dezessete livros, entre romances, contos e livros infanto-juvenis, sendo laureado, em 1999, com um Prêmio Jabuti, umas das mais importantes premiações literárias brasileira.

3 Piauiense, veio pra Brasília em 1978. Participou de várias antologias de poesia. Organizou a coletânea “Brasília vive poesia” (1996).

4 Pernambucano, veio pra Brasília em 1978. Publicou vários livros de poesia e participou de várias coletâneas.

Pilati⁵ e Antonio Miranda⁶. Se, por exemplo, Maria da Glória Barbosa⁷ admite que a discussão sobre o que é o “ser brasileiro” antecede o próprio reconhecimento do que seja uma literatura brasileira, Joanyr de Oliveira⁸ aposta no tempo como o responsável por solidificar a identidade local. Não há consenso, portanto.

Para equacionar esse problema, Carvalho faz uso do critério da recepção do autor e da obra, dentre outros possíveis e descartados em função de suas desvantagens (ver Quadro 1). O critério de recepção do autor e da obra é entendido, então, como o “reconhecimento de ser parte formadora da tradição local” (CARVALHO, 2010, p. 18), tomando como base Pinto (2002). Assim, ambos fazem uso do critério de recepção do autor e obra⁹.

Critério	Desvantagem
Escrever e publicar no local	Muitos autores publicam fora; pouca relevância editorial brasileira.
Lugar de nascimento do autor	Maior parte dos escritores de Brasília são migrantes.
Cosmopólitica e aspectos linguísticos da obra	Falta uma singularidade em Brasília, formada que é por fragmentos de Brasil.

Quadro 1. Critérios e desvantagens para classificar a identidade de uma literatura brasileira

Fonte: Carvalho (2010) baseada em Pinto (2002)

A literatura, enquanto expressão da subjetividade humana, consegue “traduzir os seus valores, dando uma visão reveladora da vida, do espaço e dos lugares circunscritos à mesma” (LIMA, 2000, p. 11). Definido o gênero, duas coletâneas foram selecionadas: Fisher (1965), a primeira, intitulada “Contistas de Brasília”, e Cagianó (2006), a mais recente coletânea de contos publicada em Brasília, publicada sob o título de “Antologia do conto brasileiro”. Separadas por mais de quatro décadas, a hipótese levantada é de que, no salto temporal e qualitativo da literatura brasileira, os contos poderiam refletir as representações de diferentes Brasília na literatura, de modo que, também, a identidade espacial se refletisse nos contos ou, em outras palavras, que o texto representasse a cidade e a cidade se fizesse texto.

Estabelece-se, aqui, a íntima relação entre as antologias e o cânon, uma vez que, *a priori*, os organizadores de antologias justificam sua seleção baseada no critério da qualidade. Nesse sentido, cânon e antologia influenciam-se mutuamente, ao ponto de, “se, em antologias, escolas mais tradicionais encontram a segurança do cânon, antologias

5 Brasileiro. Autor de diversos contos e poemas publicados em antologias e professor de Literatura na UnB

6 Maranhense, chegou em Brasília em 1977. Publicou, entre outros, “Brasília, a capital da utopia”.

7 Baiana, chegou em Brasília em 1962. Autora de “O Cristal e a chama”, dentre outros.

8 Mineiro, veio pra Brasília em 1960. Publicou e organizou vários livros de poemas, além de participar de inúmeras antologias.

9 Embora o foco de estudo de Pinto (2002) e Carvalho (2010) seja a poesia, a discussão permanece a mesma em relação a outros gêneros literários. Nesse artigo, a intenção é direcionar o foco para outro gênero literário, o conto.

parecem constituir também poderoso agente de formação deste” (LAJOLO, 2011, p. 43). Assegura ainda a referida autora que as desavenças entre organizadores de antologias e os escritores excluídos das mesmas sugerem “a crença – talvez correta – do poder canonizador e fundante de antologias” ou, em outras palavras, da importância das antologias no fortalecimento do critério da recepção.

4 | OS CONTOS

Depois de cinco anos de sua fundação, Brasília conheceu sua primeira antologia de contos, *Contistas de Brasília*, de Almeida Fischer. Para o organizador, os contos da coletânea filiam-se a grandes autores da literatura, como Franz Kafka e Virgínia Woolf. Em termos de qualidade, alinhava a literatura produzida em Brasília ao que de melhor era reconhecido pela crítica literária. Os vinte e um contos são precedidos por uma pequena biografia de cada autor, com destaque para a data em que cada um se transferiu para Brasília. Apenas dois, desse conjunto de contos, têm no espaço brasiliense a referência para desenvolvimento da trama.

Mais volumoso, até pela densidade acumulada em mais de quarenta anos de vida literária na capital, Cagiano optou por apresentar uma seleção que privilegiava os escritores vivos. Muitos dos autores participantes da primeira coletânea foram, por essa razão, excluídos. Assim, Anderson Braga Horta e Joanyr de Oliveira aparecem como os únicos dois escritores que se fazem presentes nas duas antologias. Em “Todas as gerações: o conto brasiliense contemporâneo”, os critérios de organização foram expostos na orelha do livro¹⁰. Cagiano apresenta restrições ao rótulo de “literatura brasiliense”, desviando-se da polêmica conceituação do termo. Considera qualquer rótulo de origem “provinciano e inócuo”, uma vez que, para ele, “nenhuma adjetivação as legitima, senão a qualidade”.

De certa maneira, o organizador esvazia o sentido espacial de uma “literatura brasiliense”, uma vez que a considera importante na medida em que se refere a “realidades próximas e universais, daquilo que há de real e onírico na condição humana”. Por essa razão, os contos, em sua maioria, não têm em Brasília espaço privilegiado em seu desenvolvimento. O esperado crescimento da presença do espaço brasiliense nos contos ampliou-se, embora timidamente (ver Gráfico 01 e 02),

10 Não há introdução, apresentação ou prefácio em “Todas as gerações: o conto brasiliense contemporâneo”.

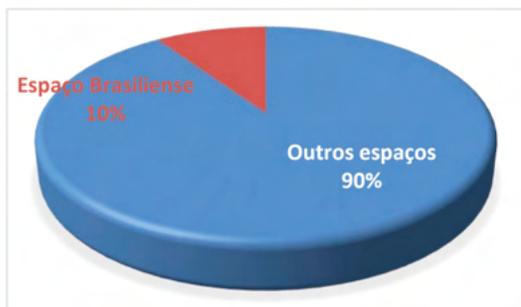


Gráfico 01: Abordagem espacial dos contos em “Contistas de Brasília”

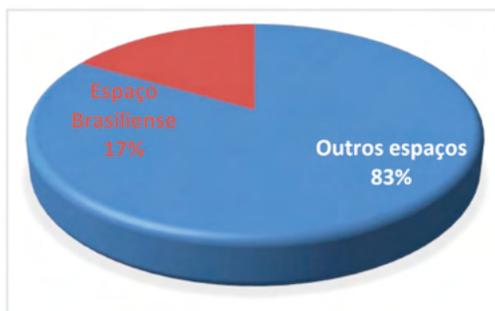


Gráfico 02: Abordagem espacial dos contos em “Todas as gerações: o conto brasiliense contemporâneo”

A crescente migração de pessoas para a capital e o adensamento da literatura brasiliense permitiu uma representatividade maior das diferentes regiões do Brasil. No que tange a origem geográfica dos autores, a diversidade aumentou consideravelmente na segunda antologia (ver Gráfico 03 e 04).

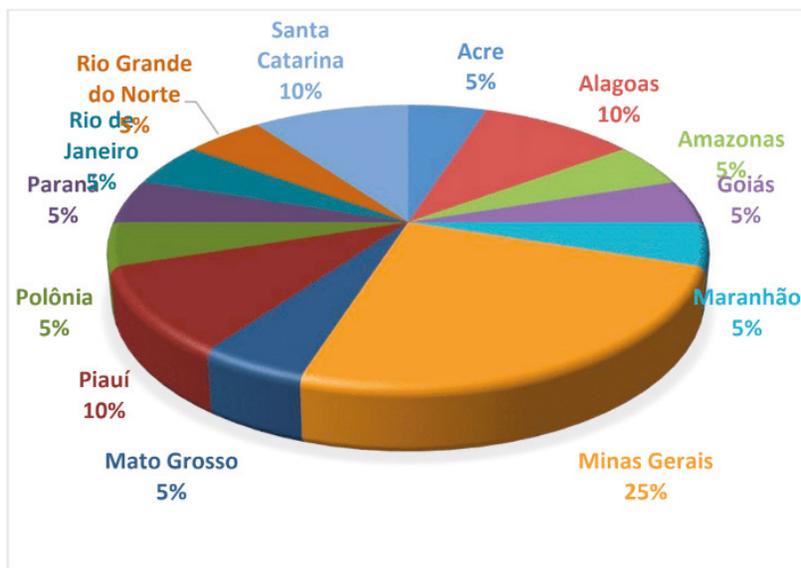


Gráfico 03: Origem geográfica dos escritores de “Contistas de Brasília”

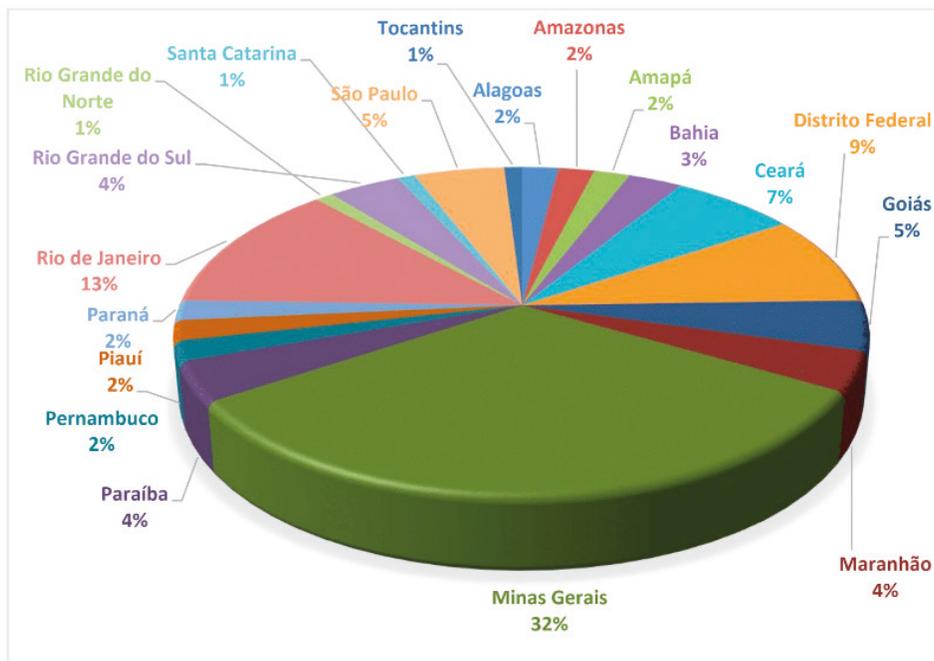


Gráfico 04: Origem geográfica dos escritores de “Todas as gerações: o conto brasileiro contemporâneo”

4.1 Contistas de Brasília

Em “Contistas de Brasília”, os dois contos que possuem suas narrativas no espaço brasileiro anunciam, profeticamente, a cisão identitária do brasileiro. “Lua na Asa Norte”, de Arnaldo Brandão, e “Retorno”, de José Augusto Guerra, apresentam, respectivamente - o olhar do candango - vislumbrado por um solitário pedreiro em trabalho noturno na Asa Norte, e o desconforto espacial (e sua superação) de um funcionário público transferido do Rio de Janeiro para a nova capital – a perspectiva de um pioneiro.

4.1.1 O candango

Em “Lua na Asa Norte”, o leitor é apresentado a João Barbosa, o protagonista, operário da construção civil. A narrativa focaliza parte de uma noite de seu trabalho. Numa pausa para o cigarro, e em fluxo de consciência, João Barbosa divaga sobre a profissão – um ofício urbano para um homem do campo. Era pescador e plantador de mandioca, um migrante entre os milhares que se dirigiram para a construção da nova capital na busca de um futuro melhor. O espaço da cidade é ainda mais artificial. O estranhamento inicial – o clima frio e seco que o assolava no alto do sexto andar de um prédio residencial em construção – se estende para o fruto do seu trabalho. Não entendia como as pessoas poderiam viver em uma casa sem quintal. “Não se habituará jamais”. Contemplativo, reconhece seu trabalho

como alienante, uma vez que, terminado seu serviço, sua intimidade com o prédio seria extraída e, a partir dali, famílias com seus prazeres e dilemas particulares dariam outro significado para aquela parede, fruto do seu trabalho. Seu estado reflexivo é interrompido pela presença da lua e, novamente, a estranheza retorna. Sua preferência pelo dia – é nele que suas atividades enquanto trabalhador se desenvolviam rotineiramente, antes de Brasília – se reflete em um quase temor à lua.

4.1.2 *O pioneiro*

Já em “Retorno”, de José Augusto Guerra, acompanhamos, também em fluxo de consciência, a estranheza espacial de outro personagem, Raul Lorena, funcionário público, transferido para Brasília quando de sua inauguração. Um de seus temores era que, ao se desenraizar do Rio, reduziria-se “a um viver sem vida”, uma vez que estaria transplantado do espaço que dava sentido a sua existência. Para Raul, a possibilidade de ser transferido era angustiante, embora demonstrasse, ao longo do conto, maior adaptação à nova cidade. Já Alice, sua esposa, se mantivera inconsolável. Os dois comportamentos progridem: tanto Raul torna-se mais receptivo à Brasília como mais hostil Alice fica. Assim, Raul começava a perceber qualidades da nova cidade, em gradual processo de enamorar-se. A estranheza da nova cidade é carregada de positividade. Mesmo o clima frio e seco, incômodo noturno para João Barbosa, é visto como um encanto para Raul Lorena, assim como andar nas ruas sem ser incomodado, nenhuma multidão a rodear o trajeto de volta para casa e, ao final da noite, uma cadeira na calçada para observar o pouco movimento de pessoas. No avolumar do descontentamento de Alice, Raul, resignado, prefere a cidade ao casamento. A narrativa propõe uma relação entre a irreversibilidade de Brasília como capital e o sentimento experienciado por Raul como morador em Brasília. O trágico desfecho resolve, em macabro humor, o efeito irreversível de Brasília na vida de Raul Lorena, agora totalmente enraizado na nova cidade, como alguém que seria um dos “primeiros habitantes do cemitério Campo da Esperança”, ao falecer subitamente.

Os dois contos permitem situar duas dimensões antagônicas do “viver Brasília” em seus primeiros anos. De um lado, o operário recrutado pelo interior do Brasil, atraído pela expectativa de uma vida melhor; de outro, o funcionário público transferido do Rio de Janeiro nem sempre otimista, inicialmente, com a nova cidade, carregado de valores positivos da terra de origem e sentindo-se desterrado de seu lar. Duas representações espaciais de Brasília: para o primeiro, o sonho de esperança pouco durou. Os construtores de Brasília foram excluídos de sua criação, alocados a quilômetros de distância do centro, nas cidades-satélites. Não havia lugar no projeto inicial de Brasília para os pedreiros, carpinteiros, pintores e demais operários que levantaram Brasília do chão. Brasília é vivida pela e na periferia. Para o segundo, a sensação de estranheza, um misto de aversão a nova cidade e o saudosismo da experiência urbana anterior, mas progressivamente sendo

seduzidos pela singularidade da nova capital. Brasília é vivida por sua monumentalidade.

4.2 Todas as gerações: o conto brasiliense contemporâneo

A antologia “Todas as gerações” é composta por 102 contos. Desses, dezesseis tem em Brasília o espaço de desenvolvimento na trama. Para esse trabalho, os dezesseis contos foram organizados em três grupos temáticos: cotidiano, burocracia e crime. O último tema recorre a uma característica frequente: pouca ênfase é dada em relação ao espaço da trama, o que enfraqueceu a análise espacial. Na possibilidade de classificar os grupos pela intensidade da espacialização dos contos, o primeiro grupo estaria em certa vantagem, até mesmo porque caracteriza o dia-a-dia urbano dos brasilienses.

4.2.1 Cotidiano: entre a solidão e o tédio

Brasília, como qualquer grande metrópole, é uma cidade dos encontros possíveis. Possíveis, mas não necessariamente realizáveis: Simmel (1973), há mais de cem anos atrás, definiu a atitude *blasé* como a marca do homem urbano moderno. Isto é, quando em confronto com centenas de possibilidades de encontros, há a tendência do ensimesmamento. Assim, mesmo estando entre milhares de sua espécie, o homem urbano se torna propenso a uma profunda solidão. A solidão seria uma característica da cidade moderna, então. Nesse sentido, a atitude *blasé* marca, essencialmente, os dois personagens de “No metrô”, de Liana Aragão. O conto é narrado tanto em primeira pessoa (na perspectiva dos dois personagens, paralelamente) como também em terceira pessoa. A confusa alternância de perspectiva do narrador ilude o leitor, ao mesmo tempo em que, no derradeiro parágrafo, mantém suspense sobre o conto ser autobiográfico. No metrô, enquanto os olhares se cruzam, diferentes perspectivas brotam da imagem do outro. Os trajetos prováveis dos personagens se convertem em identidades possíveis: estudante, jornalista, burocrata, comerciante. A imagem de Brasília como uma cidade funcional, com cada trecho, cada recorte de seu tecido urbano dedicado a uma ou outra atividade econômica, ilustra um comentário da mulher-narradora: “Brasília é ‘esqueminha’ demais”. Seriam as pessoas “esqueminhas demais”? A vida é mais complexa, a cidade também é. Do encontro possível mas não realizado, duas pessoas se afastam sem, necessariamente, terem se encontrado.

A estranheza impera também em “Um longo sonho do futuro”, de Mauricio Melo Júnior. Fazendo uso da metalinguagem, o autor recupera dois planos temporais (início do século XX, início do século XXI) apresentando o mesmo personagem: um mulato funcionário público. É, portanto, claramente inspirado em Lima Barreto, que teve seus diários publicados sob o mesmo título do conto¹¹. Os dois espaços, os dois tempos, as duas narrativas, fundem-se numa só. Esse ambiente delirante amplia a estranheza do funcionário em Brasília. A cidade excêntrica aos seus olhos, mas também estranha a tantos

11 Um longo sonho de futuro: diários, cartas, entrevistas e confissões dispersas. Rio de Janeiro: Graphia, 1993

outros olhares. Na rua, vê simultaneamente um grupo tocando música andina e homens falando em árabe – uma profusão de culturas para além das diferentes regionalidades que, enquanto capital, propõe-se representar. O espanto do protagonista com a pressa do brasileiro lhe permite um diagnóstico preciso: “apagam os rastros no passado assentando já o pé no futuro”. A reflexão do personagem se aproxima, assim, de uma das primeiras análises geográficas de Brasília após sua inauguração: Santos (2010), ao escrever sobre Brasília em 1963, e não obstante o desafio de escrever sobre uma cidade sem passado, constata que a originalidade de Brasília está em ao não “desmentir o presente, fornecer uma imagem do futuro”. Entretanto, quase meio século depois, o protagonista adiciona um complemento à análise do geógrafo: a cidade nega “o ontem sem reinventar o agora”. O transitar do funcionário público em direção a periferia desvela as várias Brasília: das largas, amplas e belas vias às ruas estreitas e casas amontoadas. Diante da novidade de Brasília, ele sente “novos sentimentos arcaicos”, em “dias iguais” do “sentir-se estrangeiro”, um certo valor positivo ao tédio, uma vez que “a vida se desenha no cotidiano”, a vida comezinha do brasileiro em uma cidade sem tantos atrativos como a antiga capital.

A periferia de Brasília comporta mais do que “as ruas estreitas e amontoadas”. Pode ser um lugar tranquilo, como evidencia Waldir Rodrigues Pereira em “A chave na porta”. O conto, escrito em primeira pessoa, descreve um passeio pelas ruas de Planaltina, cidade anterior a existência de Brasília e incorporada à capital. No centro histórico, casarões testemunham a história da cidade. Entre um e outro cumprimento aos transeuntes, o narrador reflete sobre sua cidade, seu lugar: “não tenho porque me sentir estranho nessa paisagem que ainda é o meu território”. Da modernidade, sente uma certa aversão: os barulhentos automóveis invadem o centro da nova capital, antítese da velha cidade de Planaltina, interiorana, calma e silenciosa. O título do conto responde pela surreal e quase cômica digressão do narrador sobre uma chave esquecida na porta de um casarão quando fazia uma de suas caminhadas – casarão que, como será revelado depois, é a sua própria moradia. O narrador é a resistência da memória espacial herança ainda de uma preexistência de Brasília (BARBO, 2010).

Em “Anúnciação de maria”, de Alexandre Pilati, maria, o personagem do título, grafada sempre em minúsculo no conto, é o brasileiro comum e idealizado, depois de mais de quatro décadas de Brasília. É professora universitária aposentada, moradora do Plano Piloto e residente em Brasília desde os vinte anos de idade, vinda de São Paulo. Seu cotidiano urbano é corriqueiro: ocupava o dia trabalhando em uma loja de lingerie na rua da Igrejinha (Setor Comercial 107/108 Sul). O proprietário da loja é o próprio marido, um homem pequeno (embora o autor assegure que não seja um anão), “tendo apenas 40 centímetros de altura”, informação repetida insistentemente por todo o conto. A solidão de Brasília toma a personagem. Considerava a paciência, por exemplo, como fruto da “solidão¹² acompanhada do casamento”. A anúncio a que se refere o título se trata

12 A solidão urbana de Brasília é recorrente nas artes, como nos versos de Nicolas Behr (A superquadra nada mais é

de um anúncio (não respondido) como acompanhante que colocara no jornal. Afogada pela solidão do cotidiano, maria iguala ser atropelada por um caminhão a ter seu anúncio no jornal respondido. No espaço urbano de Brasília, como assegura o narrador, ninguém repara em ninguém. A solidão anda junta com o tédio, o extraordinário com o comezinho.

O tédio se apresenta em maior positividade no “A paixão”, de Carlos Magno de Melo. Bildo, funcionário aposentado do Senado Federal, agora taxista com ponto no Aeroporto, possui um estável casamento e três filhos e é morador do Plano Piloto. A rotina familiar havia sido temporariamente interrompida pela gravidez precoce da filha caçula, mas logo o neto pode acrescentar ainda mais ternura no cotidiano de Bildo. Homem calmo, ordeiro, pacífico, Bildo era um quase amante do tédio. Brasília lhe fazia bem. A rotina é rompida, porém, quando uma famosa jornalista o beija candidamente no rosto após um serviço. A paixão o desprende da vida cotidiana até culminar com sua despedida de Brasília. Entrega para a família todos os bens adquiridos ao longo dos anos: lotes no Gama e em Ilhéus, loja de aluguel no Guará, casa em Taguatinga. Despede-se da família e, de posse apenas do endereço da empresa em que a jornalista trabalha, parte para o Rio de Janeiro.

Parelho ao tédio como valor positivo está também o conto “O tranquilo senhor Braga”, de Lourenço Cazarré. João Braga, o protagonista, é um experiente jornalista que decidiu trocar as redações tumultuadas pela chefia de uma sucursal em Brasília de uma grande agência de publicidade. Sua motivação pela publicidade se deu, sobretudo, pela procura de uma vida mais calma. É por intermédio desse emprego que mantém um alto padrão de vida: mansão no Lago Sul, cinco carros e viagens anuais para a Europa. Honesto, casado, monogâmico, tranquilo. Seu comportamento escorrito era motivo de galhofa no escritório, especialmente por parte do dono da agência, conhecido como Chefão, que o vitimava em várias brincadeiras. A desregrada vida do Chefão, aliás, permitiu a inclusão no conto de Mônica, uma mulher da qual queria se ver livre. Transfere-a de São Paulo para Brasília e a coloca como auxiliar de Braga. Mônica se sente paulatinamente atraída por Braga, mas não é percebida até o desfecho, em que faz uma abordagem mais explícita.

4.2.2 Burocracia: pelos corredores da máquina administrativa pública

Os contos centrados na vida burocrática da capital tratam, no geral, de como o brasileiro interage com a máquina pública, tão presente na vida da população de Brasília. Em “Uma noite quente, e ainda alguns espectros fantasmais”, o narrador-protagonista, um professor secundário de música, em longo monólogo exterior, discorre sobre a micropolítica de Brasília. O cenário é uma festa na embaixada francesa e seu interlocutor é um jovem e iniciante músico. Há uma pequena referência a ascensão social baseada na localização espacial (o conforto proporcionado pela moradia – primeiro no Cruzeiro Novo, depois na

/ do que a solidão dividida em blocos), ou musicada em Brasília 5:31 (Paralamas do Sucesso): Quartos de hotel são iguais / Dias são iguais / Os aviões são iguais / Meninas iguais / Não há muito o que falar sobre o dia / Não há do que reclamar / Tudo caminha / E as horas passam devagar”

Asa Norte) para, logo depois, discorrer sobre as vantagens e desvantagens da profissão, críticas ao Conservatório (onde lecionava e, por um breve período, foi o diretor financeiro) e a arquitetura anti-ecológica dos prédios de Brasília. O monólogo várias vezes é interrompido para cumprimentar algum figurão – e repreender o jovem músico por não compreender a importância dos relacionamentos sociais na capital.

Já em “Saídas”, de Geraldo Lima, o cotidiano banal e sufocante dos corredores dos ministérios é o tema principal. O personagem-narrador, Baltazar, é um funcionário público, entediado frequentador da Esplanada dos Ministérios. Brasília se reduz ao micro-espço da burocracia. Corredores, elevadores, janelas, sobrepujam mesmo os ambientes de lazer, como “algum boteco da Asa Norte”.

Também funcionário público é o narrador-protagonista de “O funeral”, de Luiz Adolfo Pinheiro. Próximo da comédia, o conto focaliza a dificuldade do narrador em apreender de fato a biografia e o caráter de Carlos Ribeiro Batista, o morto, também funcionário no Ministério da Educação, dada a quantidade de versões antagônicas colhidas entre os colegas no seu funeral. A trama se desenrola no Campo da Esperança, principal cemitério de Brasília. Quanto mais informação colhe, mais obscura fica a figura do falecido. Ateu, batista, católico, espírita, mineiro, goiano, pobre, agiota, filantropo, entre outros perfis, são descobertos na voz dos presentes. Predomina, até o encerrar do conto, a cômica angústia da descoberta de várias feições para uma mesma pessoa. Se o espaço não se faz presente, explicitamente, o caráter cosmopolita é reforçado pelas origens geográficas tão díspares dos demais personagens: um padre colombiano, a viúva sergipana, o narrador-protagonista baiano, um colega turco. Pontilha ainda o conto citações de lugares de Brasília, como o Lago Paranoá e o Núcleo Bandeirante. Ao findar, a certeza de que não era possível traçar um perfil do falecido – e oferece pistas sobre como, na cosmopolita cidade, é fácil esconder-se dos outros.

Cristovam Buarque apresenta o conto que mais se aproxima do arquétipo de Brasília como o núcleo do poder político brasileiro. Em “Os dois corações”, um pai desesperado pela doença terminal de seu filho (uma cardiopatia) peregrina no Congresso Nacional para aprovar uma lei que obrigue criminosos a doarem órgãos. Depois de vencidas as muitas barreiras políticas, o pai consegue mobilizar o país para aprovação do projeto de lei e participar do primeiro leilão, mas perde o coração para uma Ong europeia contra a pena de morte. O leitor reconhece o espaço em Brasília apenas pelos deslocamentos – o pai se desloca do hospital onde o filho está internado ao Congresso. Não há citação nem descrição do espaço brasiliense.

A política também está presente em “A mão esquerda de Cervantes”, de Menezes y Moraes. Aíás de Silo, o protagonista, é um sujeito politicamente ativo, perplexo diante de tanta corrupção encontrada no governo do “primeiro operário a chegar ao poder na história da América Latina”. É funcionário público e morador da Asa Norte, em apartamento financiado em longas prestações. Seus pensamentos, suas divagações o acompanham

da chegada no estacionamento público da plataforma superior do Terminal Rodoviário no centro de Brasília à sua ida ao Teatro Nacional com a namorada, com uma breve pausa em um café no Conic, famoso conjunto de lojas situado no coração de Brasília, ao lado da rodoviária. Como o personagem se considera um “embaixador de Brasília” em função da defesa que faz da cidade em toda e qualquer circunstância, o desenvolver de seus pensamentos são carregados de espacialidade. Explica, portanto, a diferença entre pioneiro e candango, o conceito do entorno de Brasília e uma definição de quem são os brasilienses: “são as sucessivas gerações que nasceram e continuam nascendo na cidade, (...) não têm sotaque regional, mas um jeito próprio de falar”. Relembra também dos diferentes tipos com os quais já cruzara no espaço central de Brasília: um flanelinha a concluir o curso de Direito, uma mendiga lhe implorando esmola, camelôs próximos ao shopping Conjunto Nacional. Também interliga os problemas locais aos problemas de âmbito global – como os desastres ecológicos de grande proporção. “A mão esquerda de Cervantes”, título do conto, é o nome da peça que assistiria com sua namorada Agar. A decepção política do personagem-narrador não poderia ser mais simbólica: Miguel de Cervantes possuía sua mão esquerda inutilizada em função de ferimentos de guerra.

4.2.3 Crime

Os contos policiais se fizeram bem representados. A espacialidade dos contos, entretanto, é secundarizada. Brasília é reconhecida por um ou outro topônimo. Ocorrer em Brasília, isto é, a trama acontecer no espaço geográfico brasiliense não traz nenhuma relevância para o conto. O espaço não participa da trama. Assim é em “O canto da cigarra”, de Dulce Batista: Jairo, um bancário, pretende fraudar o banco em um ambicioso plano. Entretanto, sua esposa, Elaine, também bancária e colega de trabalho do marido, se opõe. Ao perceber a irreversibilidade das intenções do marido, Elaine propõe o divórcio. Jairo trama o assassinato da esposa e a executa em um ermo no Lago Norte – lugar seguro para uma última conversa. O corpo é jogado no lago Paranoá. Jairo faz queixa de sequestro e se esconde numa pousada no Plano Piloto. O crime, entretanto, se torna midiático e logo a polícia o investiga.

Já Kido Guerra apresenta, em “Estatuto da criança e do adolescente”, Pezinho, um delinquente menor de idade. Depois de praticar dois crimes: um latrocínio, de forma indireta (assumiu o crime porque o comparsa era maior de idade), e um assassinato na Estrutural, cidade-satélite de Brasília, é apreendido pela polícia na tentativa de realizar um terceiro, um sequestro. Punido com a internação no Centro de Atendimento Juvenil Especializado (CAJE), Pezinho é morto em seguida, assassinado por outros internos.

Já chefiar uma rebelião no CAJE é um dos objetivos do personagem-narrador de “Noite fraca”, de José Edson dos Santos. No conto, o personagem assalta e mata um bêbado, que só dispunha de tíquetes e vales-transporte na carteira. As falas são carregadas

de gírias, típicas de grupos da periferia das grandes cidades – o personagem-narrador é de Samambaia. Em “A prova sempre estará na lixeira”, de Mario Pacheco, o menor conto da antologia, o autor disserta sobre a capacidade incriminadora dos lixos. O conto investe também no sublinhar da desigualdade social no Plano Piloto, abordando os banquetes realizados (com sobras de lixo) diariamente pela população miserável que transita pela Esplanada dos Ministérios, ao passo em que o desperdício, principalmente alimentar, ainda exista. O desfecho no texto é um apelo ao leitor para, por precaução, observar o que descarta para “não deixar prova”.

Por fim, “A teia”, de Maria da Glória Lima Barbosa, acrescenta dois elementos que distinguem o conto dos demais: apresenta forte carga dramática, ao narrar o impacto psicológico pós-crime em uma tranquila estudante de literatura, e toques de realismo fantástico, uma vez que uma inexplicável teia se forma no canto de um de seus olhos. Moradora do Plano Piloto, Fernanda, a protagonista, mantém-se alheia a sua própria cidade. Próxima de sua casa havia uma invasão “que nunca conhecera”. Nesse interim, enquanto a culpa a consome e a teia não sai do canto dos olhos, se “sentia fazendo parte de tudo”.

5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intersecção entre a Geografia e a Literatura se mostrou, há tempos, por demais frutífera. Nesse trabalho, especialmente, as duas antologias trouxeram importantes elementos para uma discussão sobre a cidade e também sobre as diferentes representações do espaço evidenciadas.

Brasília, enquanto espaço das narrativas, quase dobrou em participação nos contos em “Todas as Gerações” (de 10% dos textos, na coletânea de Almeida Fischer, para 17%, nessa). A considerar o interregno de mais de quarenta anos que separa uma obra da outra, é possível aventar algumas conclusões. A primeira delas é o natural crescimento na literatura brasiliense, motivada inclusive pelo crescimento da cidade e conseqüente efervescimento cultural da capital. Também decorrente disso é uma maior participação de escritores originários de diferentes estados brasileiros, uma vez que, como Capital Federal, há significativo processo de migração.

Na primeira coletânea já é possível perceber a cisão identitária brasiliense: a distinção entre candangos e pioneiros, que haveria de subsistir-se entranhada por longos anos no imaginário do morador de Brasília. De um lado, o trabalhador, operário da construção civil, alienado do produto de seu trabalho; de outro, o funcionário público, em dificuldade de se adaptar em novo ambiente tão diferente daquele vivenciado na cidade anterior. Duas realidades que se complementam na formação do brasiliense e, de certa maneira, oferecem, cada qual em sua perspectiva, a dificuldade em tornar-se íntimo de um espaço geográfico que, até então, predominava estranheza.

Já na segunda antologia, Brasília está entranhada no hábito cotidiano de seus personagens. Vivem procurando acomodar-se ao modo de vida urbano específico dessa cidade, tão diferente das demais congêneres brasileiras. É o espaço da política, da burocracia, da convivência com o diferente, das frustrações de uma cidade que prometia um novo Brasil. O tédio e a solidão da vida moderna parecem ser, em Brasília, amplificadas. Se a paisagem não é mais uma novidade tão presente – um espaço quase como protagonista na antologia de Fischer – aqui os personagens não estão mais sob um cenário que ainda lhes causem perplexidade, admiração ou repulsa. O espaço se entranha aos personagens nessa simbiose, nesse relacionamento íntimo entre o homem e a cidade.

Extraí-se, assim, uma representação de Brasília múltipla, acima de tudo. Não poderia ser diferente. Brasília, afinal, “*tem uma fratura exposta na alma*” (FREITAS, 2009, p. 25). É um mosaico de regionalismos temperado com a desigual estrutura social brasileira. Ao mesmo tempo em que há um colorido multicultural no espaço brasiliense, a paisagem evidencia a desigualdade social. Brasília é um exemplo acabado das marcas da exclusão social impressas no espaço geográfico. E a literatura, ao captar e mimetizar essa realidade, possibilita a exposição franca desse cenário, a partir do momento em que “*a dimensão simbólica da existência é o ensinamento da peça literária. E essa dimensão edifica-se espacialmente por meio das paisagens, dos lugares e/ou territórios*” (CHAVEIRO, 2005, p. 45).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Heloisa A. de. Geografia e Literatura: um elo entre o presente e o passado no Pelourinho. (Dissertação Mestrado em Geografia). Universidade Federal da Bahia, UFBA, 2007.

ARAÚJO, Regina. Do Sertão aos Pampas: O Território da Literatura Nacional no Século XX. Terra Brasilis, Rio de Janeiro/RJ, ano III-IV, n. 4-5, 2003. Disponível em <<http://terrabrasilis.revues.org/347>>. Acesso em 12 out. 2014.

BARBO, Lenora. Preexistências de Brasília. Reconstruir o território para reconstruir a memória. Dissertação de Mestrado – Universidade de Brasília, Programa de Pós Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Brasília, 2010.

BARCELLOS, Frederico R. Espaço e lugar: o olhar geográfico machadiano sobre o Rio de Janeiro no final do século XIX e início do XX. Dissertação de Mestrado - Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós Graduação em Geografia, Rio de Janeiro, 2006.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In: _____. O rumor da língua. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BASTOS, Ana Regina Vasconcelos. Espaço e Literatura: algumas reflexões teóricas. **Espaço e Cultura**, Rio de Janeiro, NEPEC, n.5, jan./jun. 1998. Disponível em <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/espacoecultura/article/view/6316/4509>. Acesso em 19 ago. 2014.

BORGES FILHO, Oziris. Espaço e literatura: introdução à topoanálise. Franca: Ribeirão Gráfica Editora, 2007.

BROSSEAU, Marc. Geografia e Literatura. In: CORRÊA, Roberto L.; ROZENDAHL, Zeny. (org.) Literatura, Música e Espaço. Rio de Janeiro: UERJ, 2007, p. 17-77.

CAGIANO, Ronaldo. **Todas as gerações**: o conto brasileiro contemporâneo. Brasília: LGE, 2006.

CARVALHO, Bernadete A. de. Brasília literária: de quem para quem: proposta de um cânone para os autores brasileiros tendo em vista a recepção. Dissertação de Mestrado em Literatura, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.

CHAVEIRO, Eguimar. Dizibilidades literárias: a dramaticidade da existência nos espaços contemporâneos. *Geograficidade*, v. 5, n. 1, p. 40-51, 2015.

COLLOT, Michel. Rumo a uma geografia literária. **Gragoatá** - Revista do Instituto de Letras da UFF, Niterói, v. 33, n. 1, p. 17-32, 2012.

DIMAS, Antonio. **Espaço e romance**. 2ed. São Paulo: Ática, 1987.

FISCHER, Almeida. **Contistas de Brasília**. Brasília: Dom Bosco, 1965.

FREITAS, Conceição. **Só em caso de amor**. 100 crônicas para conhecer Brasília. Brasília

HOLZER, Werther. A Geografia Humanista Anglo-Saxônica - de suas origens aos anos 90. **Revista Brasileira de Geografia**, Rio de Janeiro, v. 55, n.1/4, p. 109-149, 1993.

HOLSTON, James. **A Cidade Modernista**: uma crítica de Brasília e sua utopia. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LAJOLO, Marisa. Livros, livros a mancheias. **Revista Brasileira**, v. 68, p. 37-49, 2011.

LEFEBVRE, Henri. The production of space. Oxford: Blackwell, 1991.

LIMA, Solange T. **A percepção geográfica da paisagem das gerais no Grande sertão: veredas**. 1990. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro.

_____. Geografia e literatura: alguns pontos sobre a percepção da paisagem. **Geosul**, Florianópolis, v.15, n.30, p.07-33, jul./dez. 2000.

LINS, Osman. Lima Barreto e o espaço romanesco. São Paulo: Ática, 1976.

LOPES, Angelita; CHAVEIRO, Eguimar Felício. Livros nas prateleiras, verbos no chão: aproximações entre geografia, literatura e existência. **Revista de Geografia** (Recife), v. 28, p. 22-37, 2011.

MARANDOLA, Janaina de Alencar Mota e S. O geógrafo e o romance: aproximações com a cidade. **Geografia** (Rio Claro. Impreso), v. 31, p. 61-81, 2006.

____. **Caminhos de morte e de vida**: o geográfico e o telúrico no rio severino de João Cabral de Melo Neto. Londrina: Eduel, 2011.

MONBEIG, Pierre. **Ensaio de Geografia Humana Brasileira**. São Paulo: Livraria Martins, 1940.

MONTEIRO, Carlos A. de Figueiredo. **O mapa e a trama**: ensaios sobre o conteúdo geográfico em criações romanescas. Florianópolis: Ed. da UFSC, 2002. 242p.

NIEMEYER, Ana Maria. Para além da paisagem: uma leitura antropológica do espaço em *Vidas Secas*. In: MESQUITA, Zilé e BRANDÃO, Carlos R. (orgs.) **Territórios do cotidiano**: uma introdução a novos olhares e experiências. Porto Alegre: Ed. da Universidade, 1995.

OLANDA, Diva Aparecida M.; ALMEIDA, Maria G. de. Uma visão geográfica em “O fiel e a pedra” de Osman Lins. **Sociedade & Natureza**, v.19, n.1, p.143-156, jun. 2007.

PILATI, Alexandre. Literatura brasileira? Brasília, 2010. Disponível em <http://www.alexandrepilati.com/blog/wp-content/uploads/2010/04/Literatura-brasiliense.pdf>. Acesso em 24 ago. 2014.

PINHEIRO NETO, José E. Uma viagem paisagística pelas zonas geográficas na obra “Morte e vida Severina” de João Cabral de Melo Neto. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal de Goiás, Catalão, 2011. 169 f.

PINTO, J. R. de Almeida. Poesia de Brasília: duas tendências. Brasília: Thesaurus, 2002.

POCOCK, Douglas. Geography and literature. **Progress in Human Geography**, v.12, n.1, p.85-102, mar. 1988.

SANTOS, Milton. Brasília, a nova capital brasileira. **Risco**: Revista de Pesquisa em Arquitetura e Urbanismo, n. 11, p. 73-79, jan. 2010.

SEGISMUNDO, Fernando. Literatura e Geografia. **Boletim Geográfico**, Rio de Janeiro, n.76, p.327-332, jul. 1949.

SEEMANN, Jörn. Geografia, geograficidade e a poética do espaço: Patativa do Assaré e as paisagens da região do Cariri (Ceará). **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v.1, n.1, p.50-73, set. 2007.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, G. **O fenômeno urbano**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

SOUSA, Andreia Aparecida M. de. Geografia e Literatura: apresentação de Goiânia em fragmentos de viver é devagar de Brasigóis Felício. 120 f. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Goiás. Goiânia. 2008.

SUZUKI, Julio C. Geografia e Literatura: uma leitura da cidade na obra poética de Paulo Leminski. **Revista da ANPEGE**, Fortaleza, v. 2, p. 114-142, 2005.

TUAN, Yu-Fu. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. (trad. Livia de Oliveira) São Paulo: Difel, 1983.

WANDERLEY, Vernaide. M. A Pedra do Reino - Sertão Vivido de Ariano Suassuna. 1997. 28 f. Tese (Doutorado em Geografia). Instituto de Geociências e Ciências Exatas de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 1997.

WANDERLEY, Vernaide; MENEZES, Eugenia. **Viagem ao Sertão brasileiro**: leitura geo-sócio-antropológica de Ariano Suassuna, Euclides da Cunha, Guimarães Rosa. Recife: CEPE/FUNDAPE, 1997.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Alteridade 36, 60, 62, 63, 68, 75, 102

Alternativas 12, 19, 83, 84, 87, 90, 153, 186

Alunos Indígenas 12, 69

Aprendizagem 9, 10, 11, 49, 50, 55, 58, 76, 85, 87, 88, 94, 127, 128, 130, 132, 133, 137, 139, 140, 141, 142, 150, 190

Aquecimento global 182, 186, 190

Avaliação 10, 12, 73, 112, 113, 114, 118, 123, 124, 125, 126, 135, 156, 160, 191

B

Branquitude 9, 11, 49, 50, 51, 52, 55, 57, 58

C

Conhecimento 9, 12, 6, 10, 21, 23, 35, 39, 44, 71, 73, 74, 78, 84, 85, 86, 87, 88, 90, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 116, 125, 133, 138, 141, 158

Contos 162, 163, 166, 167, 168, 169, 170, 171, 172, 174, 176, 177

D

Democracia 38, 39, 43, 46, 47, 52, 83, 88, 140, 142, 147, 148, 156

Desafio 9, 12, 80, 83, 85, 93, 94, 99, 131, 137, 155, 173

Desempenho acadêmico 12, 112, 114, 115, 116, 117, 120, 121, 122, 123, 125, 126

Discriminação 9, 12, 11, 20, 27, 29, 39, 40, 41, 43, 44, 46, 47, 68, 73, 83, 87, 88, 107, 142

E

Educação 2, 9, 10, 11, 13, 1, 2, 6, 13, 15, 16, 19, 20, 21, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 46, 47, 48, 49, 50, 52, 55, 58, 59, 62, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 92, 93, 94, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 113, 114, 115, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 130, 132, 133, 135, 137, 138, 139, 142, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 175, 182, 183, 186, 187, 190, 191

Educação Diferenciada 69, 76

Educação em Saúde 10, 13, 127, 128, 129, 130, 132, 133

Escolarização 9, 11, 12, 22, 26, 27, 28, 30, 34, 35, 69, 71, 76, 79, 80

Espaço 10, 12, 19, 20, 21, 23, 24, 26, 27, 29, 34, 42, 43, 44, 46, 47, 61, 62, 72, 74, 77, 79, 83, 84, 86, 87, 89, 90, 96, 102, 105, 115, 127, 128, 138, 158, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 172, 174, 175, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 183, 186, 188, 189

Estereótipo 54, 59, 66

Ética 9, 12, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 109, 110, 111, 127, 129, 130, 137, 187

Etnografia Escolar 69, 70

Evasão 12, 112, 114, 115, 116, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 154, 155

F

Feminicídio 9, 11, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 13

Feminilidade 9, 11, 15, 16, 17, 18, 19, 22, 24

G

Gênero 9, 2, 5, 8, 9, 11, 12, 14, 15, 22, 23, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 36, 51, 58, 83, 84, 86, 87, 90, 104, 109, 118, 119, 122, 167

H

História 9, 5, 6, 14, 16, 17, 24, 25, 26, 27, 31, 33, 34, 35, 36, 37, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49, 65, 68, 72, 73, 75, 76, 80, 85, 87, 88, 89, 91, 97, 98, 102, 106, 127, 131, 164, 173, 175

L

Lei nº 10.639/2003 38, 39, 40, 41, 42, 46, 47, 48

Linguagem 59, 60, 61, 66, 67, 68, 71, 75, 76, 78, 129

Literatura Brasileira 162, 163, 165, 166, 167, 168, 169, 177

M

Magistério feminino 15, 20, 21, 25

Memórias 26, 35, 36, 66

Metodologias Ativas 10, 127, 128, 133, 134

Mídias Educativas 10, 13, 135, 137, 138, 140, 141, 142, 144, 151

Movimento Negro 9, 11, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48

Mulheres 9, 11, 12, 1, 2, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 11, 13, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 52, 75, 83, 84, 86, 87, 91, 102, 103, 122, 150

Mulheres Negras 9, 11, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 33, 35, 36

N

Negro 9, 11, 18, 27, 30, 32, 34, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 54, 59, 64, 66, 67, 68, 118, 119, 120, 121, 122

O

O Outro 16, 51, 60, 62, 64, 68, 71, 102, 103, 105, 106, 107, 109, 110, 147

P

Pandemia COVID-19 182

Poder Legislativo 10, 154, 156, 159, 160, 161

Política de Cotas 40, 112, 113, 114, 123, 124, 125, 126

Políticas Públicas 10, 13, 38, 40, 47, 76, 78, 79, 84, 96, 100, 105, 112, 114, 125, 130, 154, 156, 157, 159, 160, 190

Princípios da Economia Solidária 10, 13, 135, 137, 140, 141, 143, 144, 145, 151

Problematização 10, 13, 93, 109, 127, 128, 129, 130, 132

Propaganda 59, 68

Psicanálise 15, 17, 18, 24, 25

R

Relações Dialógicas 102

Relações Étnico-Raciais 38, 39, 46, 47, 48

Representação 49, 50, 57, 58, 63, 66, 89, 129, 162, 163, 165, 178

Representação Espacial 162, 163

Representações 10, 13, 15, 17, 21, 22, 23, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 59, 61, 62, 63, 66, 73, 76, 89, 92, 162, 163, 164, 167, 171, 177, 186, 190

S

São Miguel do Oeste/SC 1, 2

Sociedade 9, 11, 12, 6, 7, 8, 13, 18, 23, 26, 27, 28, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46, 47, 49, 50, 52, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 63, 66, 67, 68, 71, 74, 75, 76, 77, 78, 83, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 91, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 109, 151, 152, 153, 156, 157, 180, 183

T

Timor-Leste 127, 128, 129, 130, 132

V

Violência 9, 11, 12, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10, 11, 12, 13, 14, 27, 37, 65, 83, 84, 86, 87, 89, 91, 107, 110, 157

Educação:

DIÁLOGOS
CONVERGENTES
E ARTICULAÇÃO
INTERDISCIPLINAR

Atena
Editora
Ano 2021

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

TERRA
INDÍGENA
CADÊ PINDORAMA?
ROUBARAM SEU CHÃO,
EXPULSARAM OS PARENTES, FALTA O PÃO,
RASGARAM A TERRA, QUEIMARAM A MATA,
DO INVASOR A LEI DA CHIBATA,
O AMARELO FOI EMBORA,
LEVADO EM NAVIOS,
DA MADEIRA BRASEADA
FICOU SÓ O BRASIL,
O VERMELHO É DE
SANGUE,
DO CORPO
QUE MANCHA
O MANGUE

2



Educação:

DIÁLOGOS
CONVERGENTES
E ARTICULAÇÃO
INTERDISCIPLINAR

Atena
Editora
Ano 2021

www.atenaeditora.com.br 
contato@atenaeditora.com.br 
[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 
www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

TERRA
INDÍGENA
CADÊ PINDORAMA?
ROUBARAM SEU CHÃO,
EXPULSARAM OS PARENTES, FALTA O PÃO,
RASGARAM A TERRA, QUEIMARAM A MATA,
DO INVASOR A LEI DA CHIBATA,
O AMARELO FOI EMBORA,
LEVADO EM NAVIOS,
DA MADEIRA BRASEADA
FICOU SÓ O BRASIL,
O VERMELHO É DE
SANGUE,
DO CORPO
QUE MANCHA
O MANGUE

2

